

Maria João Cantinho

escopro e luz

Editora Penalux, 2021

Não sei se espectros ou homens

Não sei se espectros ou homens
caminham no vale árido
mendigos de rostos vazios

avançando, seguindo sempre
só as altas montanhas os abrigam
em silêncio e olhar cego
cravado no solo

nem ousam olhar o alto
onde uma sombra interminável, quase noite
os acompanha, dia e noite

um dia, sabiam-no, essa cegueira
iria poupá-los à visão

pois a sombra crescia crescia
engolia as montanhas e comia-as
com a sua sombra, o seu não

sem glória, pedra, noite e pó.

Caminham homens como espectros
nem irmãos, amigos sabiam sê-lo
trazem o sangue da solidão
colado à pele, às vestes

e respiram o medo.

Um país que se cala

Vencidos estão os que acreditaram
enquanto as encostas da serra ardem
no azul do verão

o fogo come a terra
a vida a tua a deles
lambendo a memória
ali ficou a infância, a vida
ali se lançou a sombra
o vazio do teu futuro.

As tuas mãos estão negras
como o teu coração
e tu levantas o olhar
procurando respostas

enquanto um país se cala.

Afrin

Para Hussein Hasbach

Dizem que o pesadelo dos soldados do Estado Islâmico
é ser morto por uma mulher
dizem que não terão as 72 virgens
nesse paraíso sonhado que os espera.

E elas, peshmerga, enfrentando a morte
olhos de tigre, saltam-lhes ao caminho como demónios
livres e sem véus, implacáveis
elas que, no amor e nos filhos, respiram a ternura
e a salvação.

Ceylan matou-se com a última bala de que dispunha
talvez tivesse tido medo nessa hora
mas o tempo não é para medos nem delongas
e Ceylan também não sabe ser heroína
que isso é para as ocidentais plasmadas
No tédio das suas vidas vazias,
entregues à contemplação de miragens
criadas pelos que vendem a morte
em longínquas paragens.

Arin fez-se explodir, para não cair em mãos inimigas
O seu corpo matou tantos quanto pôde
em nome de um povo, que só na alma e no coração

conhece a sua pátria, ardendo
no olhar das suas crianças, quietas
à espera do futuro, que silva entre as balas
e o sangue, as vísceras dos seus mortos.

Aqui, em Efrin, só a morte canta
só ela floresce, petrificando
diante da nossa indiferença gelada, muda.

Savana

Se eu te pedisse a demora, pai
De um corpo adiado, ainda
e te contasse de novo as viagens
que fazíamos no tempo antigo
e as minhas palavras pudessem
aquecer o teu olhar, trazê-lo de novo
ao meu chão, às minhas mãos
como as histórias que me contavas
e depois ríamos inteiros.

Se eu te pedisse a demora, pai
para recomeçar a vida, para recompor
a ruína, juntar todos os ossos
para te devolver a luz da savana
e a respiração das árvores, o inexaurível canto
da terra, do rio que havia
e do olhar bravio das gazelas
no fulvo dorso da madrugada.

Se eu te pedisse a demora, pai
para recomeçar tudo de novo
infância e areia correndo por nós
só a música e o segredo da savana
o fogo da tribo, a dança
e sempre o tempo

o da fala antiga
o que se anela com deuses
e com o pó.

Chegada a Valência

Pisei o solo de Valência e chorei como uma criança
talvez tivesse olhado para o céu, mais uma vez
enquanto as lágrimas me queimavam a pele.

Este sou eu, o negro de carne ulcerada
Esta é a ferida
que resta de um homem
um animal doente, soçobrando
nos escombros da sua memória.

Pisei o solo de Valência e chorei como uma criança
deixei para trás os meus mortos
para trás a minha língua
e os meus sonhos
a minha amada, morrendo
sob os golpes dos seus algozes.

escreves na noite a página de sangue
que te atravessa o cérebro
e nada equivale a nada
só o torpedear dos pensamentos
e o galope da sombra
rasgando a luz
à procura de ti
desesperadamente
à procura de ti.

E-MAIL
mjcantinho@gmail.com



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Pona Display
para a Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em dezembro de 2021.